

AFETIVIDADE E LUDICIDADE NA ALFABETIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO DO PIBID.

Julia Terra Mazo Malheiro. Maria Angélica Gomes Maia

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, julia.mazo.info@gmail.com, angelicamaia65@outlook.com.

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a importância da afetividade e da ludicidade no processo de alfabetização na Educação Infantil. A pesquisa, de caráter bibliográfico, qualitativo e descritivo, apoiou-se também na experiência prática realizada no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), em uma escola pública de São José dos Campos, durante o primeiro semestre de 2024. Foram observadas e aplicadas diversas atividades lúdicas, afetivas e sensoriais, que possibilitaram o reconhecimento das letras, o avanço nas hipóteses de escrita e o engajamento das crianças em diferentes níveis de desenvolvimento. Os resultados indicam que a combinação entre um ambiente acolhedor e estratégias lúdicas favoreceram o interesse, a autonomia e o desenvolvimento da linguagem escrita. Conclui-se que o equilíbrio entre emoção e ludicidade é fundamental para promover uma alfabetização significativa, respeitando os diferentes ritmos e saberes das crianças.

Palavras-chave: Afetividade. Ludicidade. Alfabetização. Educação Infantil. PIBID.

Área do Conhecimento: Humanas (INID).

Introdução

A alfabetização na Educação Infantil é reconhecida, atualmente, como um processo muito mais amplo do que simplesmente ensinar às crianças a decodificar letras e formar palavras. Conforme apontam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017, p. 45), o Currículo Paulista e os direcionamentos de São José dos Campos (SÃO PAULO, 2019, p. 58), a alfabetização deve ser entendida como o início da apropriação da linguagem escrita, integrando-se à vida cotidiana da criança, às suas experiências, emoções e diferentes formas de expressão.

Do ponto de vista teórico, a alfabetização envolve práticas diversificadas que estimulam a leitura, a escrita, a oralidade, o pensamento crítico e a compreensão do funcionamento da língua em situações reais de uso.

Nesse sentido, embora a alfabetização seja uma produção cultural de uma sociedade em que a leitura e a escrita são elementos estruturantes, o processo de aprendizagem se dá a partir de um estado de desenvolvimento específico do sujeito e, sobretudo, depende da inter-relação entre as dimensões cognitivas, afetivas e sociais. Wallon (2007, p. 67; p. 74) destaca que, para avançar cognitivamente, a criança precisa se sentir emocionalmente segura e envolvida no processo, pois “a afetividade é uma base sobre a qual se desenvolve a inteligência”. Vygotsky (2008, p. 87; p. 101) afirma que a alfabetização se dá na interação e na mediação social, sendo potencializada quando há apoio emocional, brincadeiras mediadas e situações de aprendizagem compartilhadas. Por isso, processos de alfabetização que valorizam atividades lúdicas, como jogos, músicas, práticas com massinha e exploração de textos em situações concretas ajudam a criança a significar e internalizar o código escrito.

Além disso, Magda Soares (2013, p. 39) ressalta que alfabetizar é também letrar, ou seja, introduzir a criança em práticas sociais de leitura e escrita com significado para sua vida. Emília Ferreira (1985, p. 87) acrescenta que cada criança elabora hipóteses sobre a língua escrita de modo ativo e progressivo, sendo fundamental que o professor proponha situações lúdicas para que as crianças possam experimentar, manipular letras, ouvir e produzir histórias, criando, assim, sentido para seus próprios avanços. Sonia Kramer (2012, p. 121) e Paulo Freire (1982, p. 59) enfatizam que a construção

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

do conhecimento linguístico é favorecida quando há um clima de confiança, escuta e respeito à singularidade de cada aprendiz.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa do Ministério da Educação que aproxima estudantes de licenciatura da prática pedagógica em escolas públicas desde as primeiras etapas da formação. Por meio dele, os futuros professores vivenciam o cotidiano escolar e aplicam atividades sob supervisão, promovendo uma formação prática e reflexiva que dialoga com a realidade da educação básica. A experiência apresentada neste artigo foi realizada na EMEI Prof.^a Ângela de Castro Fernandes Lopes, localizada na zona sul de São José dos Campos, uma escola que proporciona um ambiente propício para o desenvolvimento de práticas afetivas e lúdicas fundamentais para o processo de alfabetização na Educação Infantil.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar como a afetividade e a ludicidade influenciam o processo de alfabetização na Educação Infantil, a partir de pesquisa bibliográfica e da experiência prática realizada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), buscando refletir sobre as contribuições dessas dimensões para o engajamento, a autonomia e o desenvolvimento das crianças nas hipóteses de escrita.

Metodologia

Este artigo é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva, que analisa livros, artigos científicos e documentos oficiais, como a BNCC e o Currículo Paulista, focando nos conceitos de alfabetização, afetividade e ludicidade na Educação Infantil. Foram escolhidos autores importantes e textos atuais, como Henri Wallon, Lev Vygotsky, Magda Soares e Emilia Ferreiro, para ter uma base teórica sólida e adequada para o contexto brasileiro.

Além da revisão teórica, o estudo usa dados qualitativos baseados na experiência prática durante o PIBID, em uma escola pública de São José dos Campos, no primeiro semestre de 2024. As atividades pedagógicas foram registradas em diários de campo, com inclusão das estratégias usadas, respostas das crianças e reflexões da autora, focando nas práticas que envolvem a afetividade e a ludicidade no processo de alfabetização.

A análise dos dados foi realizada relacionando as principais referências teóricas com as situações vividas durante as atividades do PIBID. O objetivo foi compreender de que forma as interações em sala de aula, as práticas lúdicas e o acolhimento das emoções influenciaram o desenvolvimento das crianças no processo de alfabetização. Foram observados tanto os métodos utilizados quanto as respostas das crianças, buscando identificar como a afetividade e a ludicidade favoreceram o interesse, a autonomia e o avanço das hipóteses de escrita. Dessa forma, foi possível aprofundar a reflexão sobre as práticas pedagógicas e discutir os desafios e as potencialidades presentes no cotidiano da Educação Infantil.

Resultados

Durante o primeiro semestre de 2024, no âmbito do PIBID, foram desenvolvidas diversas atividades voltadas à alfabetização em uma turma de Educação Infantil da EMEI Prof.^a Ângela de Castro Fernandes Lopes, em São José dos Campos. As propostas foram planejadas com o intuito de promover a aprendizagem de forma lúdica e afetiva, articulando jogos, brincadeiras, leituras e práticas com letras e números móveis. As ações foram realizadas com o apoio da professora regente e das supervisoras, sendo registradas em diário de campo e posteriormente analisadas para refletir sobre o impacto da ludicidade e da afetividade no processo de apropriação da linguagem escrita.

Uma das primeiras propostas realizadas foi o jogo da memória com fotos e nomes dos alunos. A dinâmica consistiu em virar cartas e tentar identificar a quem pertencia o nome escrito, associando-o à foto correspondente. As crianças que já se encontravam em hipóteses mais avançadas realizaram a tarefa com segurança, demonstrando domínio na associação entre imagem e palavra. Já os pré-silábicos mostraram maior insegurança, mas encontraram apoio na colaboração dos colegas, que frequentemente ofereciam dicas. Essa troca revelou o papel essencial da afetividade, pois o encorajamento dos pares aumentava a confiança daqueles que se sentiam inseguros. Além disso, a ludicidade do jogo, com sua atmosfera de desafio e memória, transformou o reconhecimento dos nomes em um momento prazeroso, aproximando a criança do código escrito.

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

De forma semelhante, o jogo da memória com escolha do nome correto, em que os alunos precisavam identificar o nome de uma criança a partir de três opções, também destacou a importância da cooperação entre os pares. As crianças que dominavam melhor as letras iniciais e finais auxiliaram os demais, revelando como a aprendizagem se fortalece em um clima de apoio mútuo. Nessa atividade, foi perceptível que a ludicidade, aliada à afetividade, proporcionou avanços na leitura de nomes próprios, reforçando o sentido social da escrita e o valor da interação no processo de alfabetização.

Outra experiência significativa foi o “detetive de vogais”, em que os alunos precisavam identificar o dono de um nome sorteado e, em seguida, pintar as vogais presentes. A atividade gerou momentos de troca intensa entre as crianças, que discutiam sobre a quem pertencia o nome e se ajudavam na identificação. Observou-se que a investigação proposta estimulou a curiosidade e o raciocínio lógico, além de possibilitar um ambiente colaborativo, em que as hipóteses de leitura eram construídas coletivamente. O caráter lúdico do desafio e a afetividade presente nas interações mostraram-se fundamentais para que os pré-silábicos, mesmo com maior dificuldade, conseguissem participar e avançar na tarefa.

Já a atividade de identificação e carimbo das letras do nome reforçou a relação entre ludicidade e apropriação da escrita. O sorteio de letras e o uso do carimbo com tinta transformaram o reconhecimento das letras em uma ação prazerosa, marcada pela expectativa e pelo envolvimento dos alunos. Embora alguns tenham se confundido, carimbando letras a mais ou deixando de marcar algumas presentes, o que se destacou foi o entusiasmo da turma em participar e a valorização do próprio nome. O aspecto lúdico do carimbo e o vínculo afetivo com a escrita de si mesmos tornaram a atividade significativa, reforçando que aprender também é experimentar com alegria.

Na montagem de letras com peças de Lego, o desafio era identificar a letra formada e, em seguida, citar uma palavra iniciada por ela. A brincadeira despertou o interesse coletivo e gerou entusiasmo, com os alunos interagindo e se ajudando diante das dificuldades. Embora alguns apresentassem limitações de vocabulário, a atividade cumpriu um papel essencial na associação fonema-grafema e na ampliação da oralidade. O envolvimento das crianças, que vibravam a cada acerto, evidenciou como o brincar cria um ambiente seguro e estimulante para arriscar e aprender, favorecendo tanto o cognitivo quanto o afetivo.

Nem todas as propostas, contudo, tiveram resultados positivos imediatos. A atividade de escrita dos personagens do livro “A Casa Sonolenta” com letras móveis mostrou-se complexa para os alunos pré-silábicos, que se sentiram inseguros e desmotivados diante do desafio. Embora tenham conseguido formar coletivamente apenas a palavra “cachorro”, foi notável a frustração gerada. Essa experiência revelou a importância de respeitar o tempo de cada criança, mostrando que a afetividade também se expressa no cuidado em propor atividades compatíveis com o estágio de desenvolvimento, evitando que o excesso de dificuldade comprometa a autoconfiança.

O bingo das letras, conduzido pela professora regente, foi um dos momentos de maior entusiasmo coletivo. A dinâmica envolveu sorteio de letras em roleta e o preenchimento de fichas individuais, resultando em alegria e motivação, especialmente quando vários alunos completaram ao mesmo tempo. Contudo, a frustração de um aluno que não conseguiu vencer mostrou a necessidade de acolher emoções que emergem em atividades competitivas. Esse episódio demonstrou que o aspecto afetivo é inseparável da alfabetização, pois o reconhecimento das letras não se dá apenas em nível cognitivo, mas também emocional. O brincar coletivo, quando mediado com sensibilidade, potencializa a aprendizagem sem deixar de valorizar os sentimentos envolvidos.

No ateliê, foram realizadas atividades em duplas que uniram letras e números móveis. A proposta de identificar se o sorteado era letra ou número e, ao final, descobrir o nome do colega, mostrou diferenças significativas entre as crianças. Algumas realizaram a tarefa com segurança, enquanto outras demonstraram insegurança e dispersão. O destaque, porém, foi a colaboração entre os pares: alunos mais atentos ajudaram os que estavam com dificuldades, revelando a importância do apoio mútuo. A ludicidade da atividade, com o sorteio e o uso de carimbos, aliada ao vínculo afetivo entre os colegas, fortaleceu a participação, mesmo daqueles com maior dificuldade.

Na sequência, a atividade de separação de letras e números na água trouxe uma proposta diferenciada, despertando o interesse imediato. O contato com o material sensorial (letras e números misturados em uma bacia com água) tornou a aprendizagem mais concreta e divertida. As duplas participaram ativamente, nomeando e separando os elementos, reforçando o conteúdo de forma prática e prazerosa. Ainda que alguns alunos não tenham fixado totalmente a função de cada símbolo, o uso do tato, da oralidade e da cooperação entre pares evidenciou como a ludicidade favorece a

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

aprendizagem significativa. O caráter inovador e afetivo da atividade mostrou-se fundamental para manter a motivação e o engajamento das crianças.

Figura 1 – Atividade Separação de Letras e Números.



Fonte: Malheiro (2025)

De modo geral, os resultados das atividades revelaram que a ludicidade, quando aliada à afetividade, cria um ambiente propício para que as crianças avancem em suas hipóteses de escrita, reconheçam letras e números e desenvolvam segurança em suas próprias descobertas. As propostas que envolveram jogos, brincadeiras e materiais manipuláveis geraram entusiasmo, colaboração e engajamento. Já as situações em que a dificuldade foi excessiva apontaram para a necessidade de respeitar o ritmo e a singularidade de cada criança, evidenciando que a afetividade não está apenas no vínculo direto com o aluno, mas também na sensibilidade pedagógica de propor atividades desafiadoras, mas possíveis.

Discussão

Na Educação Infantil, a alfabetização é vista, de acordo com os principais documentos legais e estudos acadêmicos, como um processo que abrange várias áreas do desenvolvimento da criança. Isso inclui o crescimento intelectual, social, cultural e, principalmente, o aspecto afetivo. (BRASIL, 2017, p. 45; SÃO PAULO, 2019, p. 58). O brincar, o acolhimento das emoções e a valorização das experiências de cada criança são considerados fundamentos essenciais para que o acesso à linguagem escrita ocorra de forma significativa.

Nesse sentido, as atividades realizadas, como o jogo da memória, o bingo das letras e a montagem de letras com Lego, confirmaram que a ludicidade é um elemento central na alfabetização. O envolvimento emocional das crianças, a colaboração entre pares e a motivação despertada pelas brincadeiras mostraram que a escrita pode ser introduzida de forma prazerosa e significativa, respeitando a infância e seus modos próprios de aprender.

Para Henri Wallon, a afetividade aparece como elemento estruturante do desenvolvimento infantil, estando “na base de todas as manifestações da inteligência” (WALLON, 2007, p. 74). Para o autor, “a emoção é o primeiro grande instrumento de relação da criança com o mundo” (WALLON, 2007, p. 67) e, ao ser acolhida pelo ambiente escolar, possibilita à criança sentir-se segura para explorar, experimentar e construir novas aprendizagens.

Essa perspectiva foi evidenciada, por exemplo, no bingo das letras, quando a alegria coletiva se misturou à frustração de um aluno que não conseguiu vencer. O episódio revelou como a alfabetização não é apenas cognitiva, mas também emocional, exigindo do professor sensibilidade para acolher sentimentos e transformar até mesmo situações de frustração em oportunidades de aprendizagem.

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

Vygotsky, por sua vez, entende que “o desenvolvimento da criança depende das interações sociais e do apoio recebido no ambiente em que vive” (VYGOTSKY, 2008, p. 87), destacando que “a aprendizagem acontece na interação com o outro” (p. 89). O autor introduz o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), definido como a distância entre o que uma criança já consegue fazer sozinha e o que pode realizar com ajuda de um adulto mais experiente: “O que uma criança consegue fazer hoje com ajuda, conseguirá fazer sozinha amanhã” (VYGOTSKY, 2008, p. 101).

Essa concepção esteve presente em atividades como o jogo da memória com nomes e o detetive de vogais, nas quais os alunos mais avançados apoiaram os colegas que encontravam dificuldades. O trabalho colaborativo, permeado pela afetividade, mostrou que a interação social é essencial para que cada criança avance em suas hipóteses de escrita, confirmando o papel do grupo e do professor como mediadores da aprendizagem.

Além disso, Vygotsky ressalta que instrumentos culturais como a linguagem, o desenho e a escrita são mediadores fundamentais do pensamento: “a linguagem interior, ou pensamento verbal, é o principal instrumento do desenvolvimento psicológico superior” (VYGOTSKY, 2008, p. 105). Assim, práticas lúdicas, artísticas e experimentais devem estar presentes no cotidiano escolar, oportunizando que as crianças explorem diferentes formas de simbolizar e compreender o mundo ao seu redor.

As experiências realizadas no ateliê, como a separação de letras e números na água e a atividade com letras móveis, mostraram que o uso de materiais manipuláveis e sensoriais amplia a exploração simbólica e fortalece a relação da criança com a escrita. O brincar com texturas, cores e formas estimulou a oralidade, a imaginação e o pensamento, confirmando o papel dos instrumentos culturais no desenvolvimento da linguagem.

Nos estudos e pesquisas de Emília Ferreiro, o foco recai sobre a forma como a criança, desde muito cedo, construiu ideias próprias sobre a escrita. Ferreiro conta que cada criança elabora suas próprias hipóteses a respeito de como a escrita funciona, interpretando, testando, supondo regras, copiando o que vê ao seu redor, reescrevendo à sua maneira. O papel do professor, segundo a autora, é criar situações de exploração e experimentação, abrir espaço para o erro construtivo e provocar uma reflexão sobre os usos da escrita, sempre considerando o percurso único de cada criança (FERREIRO, 1985, p. 87).

Essa concepção se confirmou tanto nas propostas que tiveram grande sucesso, como o jogo da memória, quanto na atividade que não gerou os resultados esperados, como a escrita dos personagens de “A Casa Sonolenta”. Enquanto o jogo estimulou a elaboração de hipóteses e a construção coletiva do conhecimento, a dificuldade excessiva na escrita dos personagens mostrou a importância de propor desafios possíveis, em que o erro não gere frustração, mas aprendizado. Assim, respeitar o percurso individual de cada criança é também um ato de afetividade pedagógica.

No contexto brasileiro, Magda Soares aprofunda a compreensão sobre alfabetização ao enfatizar que ensinar a ler e escrever exige criar situações em que a escrita faça sentido e seja vívida de forma social e afetiva. Como ela define: “Alfabetizar não é apenas ensinar a decifrar a escrita; é ensinar a usar a escrita e a leitura em situações significativas, reais, socialmente construídas” (SOARES, 2016, p. 18). A autora defende ambientes ricos em textos, onde o educador acolhe e valoriza as possibilidades infantis, proporcionando interação e confiança durante a aprendizagem.

As atividades com nomes próprios, como o carimbo das letras do nome e o detetive de vogais, exemplificaram esse princípio ao trabalhar com palavras que tinham valor afetivo imediato para as crianças. Reconhecer e escrever o próprio nome ou o nome de um colega tornou o aprendizado significativo e prazeroso, mostrando que a escrita só ganha sentido quando conectada à vida social e às experiências concretas da criança.

Assim, observa-se que, embora cada atividade tenha trazido diferentes resultados, o essencial foi perceber que alfabetizar na Educação Infantil requer integrar ludicidade, afetividade e interação social, de modo que o processo seja, ao mesmo tempo, prazeroso, desafiador e respeitoso em relação ao desenvolvimento de cada criança.

Conclusão

A experiência desenvolvida no âmbito do PIBID possibilitou compreender, de forma prática e reflexiva, a importância da afetividade e da ludicidade no processo de alfabetização na Educação Infantil. Ao longo do semestre, as atividades realizadas demonstraram que o acolhimento emocional e as estratégias lúdicas criam um ambiente favorável para que as crianças avancem em suas hipóteses de escrita, participem ativamente das propostas e construam sentidos para a linguagem escrita de maneira significativa.

Ficou evidente que a afetividade, presente nas interações, no cuidado com os sentimentos e no respeito ao ritmo de cada criança, favoreceu a autonomia, a segurança e a confiança necessárias para que elas se engajassem nas práticas de leitura e escrita. Da mesma forma, a ludicidade se mostrou essencial ao permitir que a aprendizagem fosse vivida de maneira prazerosa, estimulando a criatividade, a cooperação e a curiosidade.

Assim, conclui-se que unir emoção e ludicidade em sala de aula não é apenas uma estratégia metodológica, mas um caminho essencial para promover uma alfabetização integral, que respeita as singularidades e valoriza o desenvolvimento pleno das crianças. As reflexões construídas nesse processo também reforçam a relevância de programas como o PIBID para a formação inicial docente, ao oferecer experiências reais que ampliam a compreensão da prática pedagógica.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

FERREIRO, Emília. **A Psicogênese da Língua Escrita**. 19. ed. Porto Alegre: Artmed, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização: leitura, escrita e construção do conhecimento**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2012.

MALHEIRO, Júlia Terra Mazo. **Diário de campo: PIBID Educação Infantil – EMEI Prof.^a Ângela de Castro Fernandes Lopes**, São José dos Campos, SP, 2024. Documento pessoal.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. São Paulo: SME, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 14. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALLON, Henri. **O desenvolvimento psicológico da criança**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Agradecimentos

O presente estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. À equipe da escola parceira - EMEI Prof.^a Ângela de Castro Fernandes Lopes e à Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP.